3

O Campo Interativo da Linguagem: o Outro, o Diálogo, os Sentidos, as Significações e o Contexto

Neste trabalho, considero principalmente a produção de linguagem verbal dos sujeitos participantes a partir do encontro com a imagem de si, através da videogravação, para investigar como se processam a produção de saber e a construção de subjetividade crítica sobre as suas questões, as do outro e as do mundo. Em outras palavras, toma-se a videogravação dos sujeitos, numa reunião comunitária, para analisar as falas produzidas a partir do enfrentamento da imagem de si e as possíveis manifestações críticas surgidas, que apontam para uma mudança de atitude. Neste sentido, o uso da videogravação da imagem de si, num contexto comunitário, é utilizado como um meio de intervenção sobre o sujeito.

Os discursos lingüísticos produzidos pelos sujeitos participantes desta pesquisa foram analisados à luz da compreensão bakhtiniana de linguagem. Esta escolha deve-se ao fato de Bakhtin considerar a produção da linguagem como fenômeno socioideológico, construído dialogicamente no fluxo da história. Através de conceitos como polissemia, polifonia, dialogismo, dentre outros, o que interessa para esta visão é a heterogeneidade da linguagem, em sua dimensão social concreta, ou seja:

> Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial[1].

É necessário considerar o contexto onde a linguagem é produzida. Há uma variedade de modos de falar e de linguagens, o que reflete a diversidade da experiência social. A língua se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal, não é um produto acabado, visto que

> Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua

[1]BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 95.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

> consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência[2].

Bakhtin construiu uma concepção de linguagem na medida em que foi fazendo críticas radicais sobre duas correntes da lingüística tradicional, que funcionavam como obstáculo à sua visão. Uma delas é o subjetivismo individualista, que considera a linguagem como enunciação monológica; o fenômeno lingüístico é ato de criação individual. O subjetivismo individualista separa vida interior de vida exterior, priorizando o aspecto interior e subjetivo da criação. A outra corrente é a do objetivismo abstrato, que considera a linguagem como um sistema abstrato de formas; a fala não é objeto da lingüística; o fator normativo e estável prevalece sobre o caráter mutável da língua e, portanto, esta é vista como um produto acabado, transmitido através de gerações; o que interessa é a relação do signo para o signo, no interior de um sistema de signos. Portanto, o signo é considerado interdependente das significações ideológicas que a ele se ligam.

Na perspectiva bakhtiniana, tanto a língua estaria sendo transformada em seus diferentes usos, como a fala do indivíduo seria sempre social. A consciência individual pertence à ordem do *socius*. Não é a ideologia que aparece como decorrência do psiquismo, mas é a própria consciência que é um fato socioideológico. Deste modo, mesmo a consciência, a palavra interior, está marcada pelo território social das ideologias. Os conceitos bakhtinianos têm uma interligação entre si, que revelam uma complementaridade sempre presente nas suas definições. Nesta pesquisa, defini apenas os conceitos que foram utilizados na fundamentação da análise do material.

3.1
Exotopia: um ato de criação pelo olhar e pela palavra

O conceito de exotopia é estudado por Bakhtin a partir da fenomenologia do ato de criação, em especial, da criação literária. No desenvolvimento de seu estudo, vai fazendo uma ponte entre a relação autor-herói com as relações inter-

[2]Ibid., p. 108.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

humanas. Para ele, a relação autor-herói (personagem) é um caso particular da relação entre dois seres humanos.

Exotopia é o acabamento que o herói (o personagem) ganha, em função da relação que o autor-criador mantém com ele. Um personagem não se define autonomamente, depende de um distanciamento do autor, de um excedente de visão para completá-lo. A respeito de acabamentos para a existência de um herói (sujeito), o autor assinala que

> (...) a forma estética não pode ser fundamentada de dentro do herói, a partir de seu enfoque do objeto e do sentido da vida, em outras palavras, a partir da significação pura e simples de sua vida; a forma é fundamentada no interior do outro – do autor, isto é, a partir de uma reação geradora de valores que são, por princípio, transcendentes ao herói e à sua vida, mas todavia ligados a ele. Essa reação criadora é o amor estético[3].

O autor e o personagem fazem parte, juntos, de um todo acabado, mas tanto o autor quanto o herói se relacionam dialogicamente, cada um de seu lugar de existência.

O acabamento do herói vai sempre depender do olhar externo do autor sobre ele. Neste sentido, o autor sabe mais que o seu herói. Este saber mais é o olhar de fora, é o excedente de visão, que pode ver o outro como um todo completo. A imagem externa do herói só é possível através da visão do autor. Portanto, a consciência de acabamento que o herói tem de si é construída através de uma relação dialógica de produção do conhecimento entre um e outro.

Ao transpor a relação entre o autor e o herói para as relações da vida real, tem-se a importância do outro, com quem as relações se dão, possibilitando as visões de acabamento que se pode ter sobre si mesmo, nos vários contextos por onde transita na vida. Acerca desta dinâmica, valem destaque as seguintes palavras de Bakhtin:

> Cumpre compreender que tudo o que dá valor ao dado do mundo, tudo o que atribui um valor autônomo à presença no mundo, está vinculado ao outro que é seu herói, fundamentado em seu acabamento: é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, só preserva e reconstitui o outro; e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética[4].

[3]Ibid. *Estética da criação*..., op. cit., pp. 104/105.
[4]Ibid., p. 126.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Quer dizer, como o olhar do outro é importante no entendimento que o sujeito tem de si, o olhar do sujeito sobre o outro possibilita uma visão de acabamento, daquilo que ele não pode ver de si mesmo. Em relação a isto, afirma:

> O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento[5].

Cada olhar, que tantos outros me podem proporcionar sobre mim mesmo, é único e múltiplo, porque cada outro ocupa um lugar singular no mundo, sobredeterminado por diversas experiências. Sempre se está numa relação dialógica de acabamento com o outro, e vice-versa. Neste sentido, a idéia de acabamento é circunstancial, é provisória, o sujeito é um ser inacabado permanentemente, como diz o autor:

> Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir, devo não coincidir com a minha própria atualidade[6].

O ser humano, então, para se constituir num todo, o seu acabamento só pode vir de fora do sujeito, através do olhar do outro. Para isto, Bakhtin vai considerar a pessoa em dois planos: espacial e temporal. O plano espacial se refere ao corpo, que, para ser um corpo inteiro, só pode ser visto pelo outro. E o plano temporal relaciona-se ao que chama de "alma", de vida interior.

Ao falar do ponto de vista espacial, enfatiza o excedente de visão, que me é dado pelo outro, no acabamento da minha visão estética. Quando uma pessoa, numa situação concreta, olha para outra pessoa, seus horizontes concretos não coincidem. Sempre o contemplador, nesta situação concreta, verá partes do outro, que não são acessíveis a este outro.

O excedente de visão constante sobre o outro é condicionado pelo lugar único ocupado por cada pessoa no mundo. A exotopia é justo este excedente de visão que cada pessoa pode ter sobre os outros que o rodeiam, que estão fora de si.

---

[5]Ibid., p. 45.
[6]Ibid., *Marxismo e filosofia*..., op. cit., p. 33.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A distinção entre horizonte e ambiente confere aos olhares uma dissimetria constitutiva, que possibilita esta visão a mais do outro sobre mim, e vice-versa. A exotopia concreta é importante, no sentido de que cada um pode ter acesso a uma visão que só é dada a partir do lugar que o outro ocupa: "(...) o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim (...)"[7].

Mas, no plano abstrato, Bakhtin vai dizer que a relação ele e o(s) outro(s) é relativa, porque o sujeito cognoscente, como tal, não ocupa um lugar concreto na existência. No plano abstrato do conceito e da teoria, os sujeitos podem ser iguais, mas, no âmbito do empírico, se está sempre em posições distintas e singulares. Ele quer mostrar que há sempre uma inter-relação entre o externo e o interno, entre o abstrato e o concreto. A percepção efetiva de um todo concreto pressupõe um contemplador único e encarnado, situado numa dada posição, enquanto o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser pensados. Mas "(...) a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair o fato de que o sujeito desse ato e dessa contemplação artística ocupa na existência um lugar concreto, único"[8]. O excedente de visão que uma pessoa tem sobre a outra instaura um conjunto de atividades internas e externas que só uma dada pessoa pode pré-formar sobre aquela específica outra, e que a completam justamente onde ela não pode sozinha completar-se.

Em relação à forma temporal do homem, ela se dá do mesmo modo como a forma espacial, ou seja, desenvolve-se a partir do excedente de visão temporal que uma pessoa tem sobre o interior de outra, sobre a alma do outro, abarcando o que é transcendente e assegurando o acabamento do todo da vida interior desta outra pessoa. A este respeito Bakhtin afirma que

> O todo da minha vida não tem significado no contexto dos valores da minha vida. Nascer, viver-ser neste mundo, e, finalmente, morrer – tudo isso não se realiza em mim e para mim. O peso emocional da minha vida, em seu todo, não existe para mim mesmo[9].

Os valores emotivo-volitivos só têm sentido com relação ao outro, e eles dão à vida de uma pessoa um peso de acontecimento particular, que sua própria vida não tem. Apenas o outro torna possível a alegria que uma determinada pessoa

---

[7]Ibid., *Estética da criação...*, op. cit., p. 43.
[8]Ibid., p. 44.
[9]Ibid., p. 120.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

pode sentir, ao encontrá-lo, ao estar com ele, assim como o pesar do deixá-lo e a dor ao perdê-lo. Viver a vida com significação pela existência de outro é algo que se constrói no tempo, não é simplesmente algo concedido. O outro sempre se coloca à minha frente, na qualidade de objeto, sua imagem externa se insere no espaço e sua vida interior se insere no tempo. A articulação do todo com o outro é abordada por Todorov da seguinte maneira:

> (...) apenas meu nascimento e minha morte me constituem em um todo, ora, por definição, minha consciência não pode conhecê-los por dentro. Logo, o outro é ao mesmo tempo constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico a ele: a pluralidade dos homens encontra seu sentido (...) naquilo em que cada um é o complemento necessário do outro[10].

Segundo Amorim[11], o conceito de exotopia traz em si uma ambigüidade que permite que ele seja interpretado em dois sentidos opostos, a saber, um monológico e outro dialógico. A totalização exotópica, segundo a autora, corresponde ao que Bakhtin fala sobre o trabalho do enunciado monológico voltado para o objeto e que está presente em toda criação. O conceito de exotopia é monológico porque afirma a superioridade do olhar do autor (do outro), enquanto possibilidade de totalização e acabamento. E é dialógico, porque afirma a necessidade do olhar do outro sobre mim, de modo que eu possa ter um olhar inteiro sobre mim, para eu ver em mim o que só posso ver com o olhar do outro.

3.2
Monologismo e Dialogismo: nuances do diálogo

Monologismo e dialogismo estão sempre presentes na reflexão bakhtiniana, funcionando numa relação de figura e fundo, alternadamente. A mesma obra pode contar, em momentos diferentes, com quantidades maiores ou menores de distanciamento ou de exotopia. Monologismo e dialogismo são, portanto, categorias centrais de análise, cuja distinção funda a própria operacionalidade, mas que se marca sobretudo como diferença de grau no interior de um mesmo texto.

---

[10]TODOROV, T. "Prefácio". In: BAKHTIN, M. *Estética da criação...*, p. 14.
[11]AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa editora, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Os termos monológico e dialógico são categorias de análise tanto num texto verbal ou escrito. A palavra do outro está sempre lá, mas ela pode ser mais ou menos assimilada ou escondida, mais ou menos estrangeira. Num texto, as vozes são múltiplas, assim como são múltiplos os momentos e os modos em que se fazem ouvir. E, considerando, então, um texto com estas características, as categorias monológica e dialógica possibilitam um certo tipo de investigação, ou seja, pesquisar os diferentes caminhos que pode percorrer um texto para encontrar seu objeto, através da complexidade da relação com o outro. Portanto, um texto acabado será monológico ou dialógico, conforme se represente ou não a presença de outros discursos no seu interior.

O **dialogismo** bakhtiniano é basicamente uma categoria de análise da dialogização interna do discurso. Portanto, não significa o face a face conversacional do diálogo, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, a referida análise interna do discurso.

O que torna um texto dialógico? Como fazer aparecer a construção do objeto, ao invés de uma pretensa neutralidade do pesquisador? Como distinguir a necessária reflexividade[12] do discurso do conhecimento de uma ilusória reflexividade do pesquisador?

Segundo Amorim[13], revelar a construção do objeto não se faz por um relatório exaustivo da história de sua criação. O acontecimento dialógico não é previsível, mas apenas analisável *a posteriori*. Confrontar-se com a palavra estrangeira, com as diferentes vozes que coexistem e interagem num texto, que estão sempre lá, mas que às vezes se tenta evitar, dar-lhe voz e presença, permitir que a palavra do outro refrate a minha, tal exercício seria a arte dialógica.

A relação dialógica tem uma especificidade, que é o fato de não depender de uma relação de ordem lógica, lingüística ou, ainda, de uma relação de ordem natural. É uma relação de sentido, que se estabelece entre enunciados, na comunicação verbal. E estes enunciados só podem ser considerados completos ou potencialmente completos se, por trás deles, se encontra seu autor.

---

[12]Em relação ao uso do termo "reflexividade" aqui empregado segue-se a afirmação de Amorim: "A chamada reflexividade do pesquisador seria uma tentativa de objetivar a subjetividade do pesquisador e/ou de subjetivar o objeto, tentativa na qual se assiste a uma verdadeira psicologização do texto de pesquisa". AMORIM, M., op. cit., p. 94.

[13]AMORIM, M., op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Pode-se falar numa relação dialógica muito além do diálogo de uma conversa comum, de uma discussão científica, dentre outros. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo, revelam-se em relação dialógica mediante uma construção do sentido.

Segundo Bakhtin, pode-se observar sempre uma relação dialógica, mesmo entre as produções verbais profundamente monológicas. Quando se procura compreender um enunciado, esta compreensão é de natureza dialógica, num sistema também dialógico, que será globalmente modificado por tal compreensão específica, pois compreender é, necessariamente, tornar-se o terceiro numa relação dialógica. Este(s) terceiro(s) pode(m) situar-se em diferentes épocas e sua compreensão responsiva pode também situar-se em diferentes direções, ou seja,

> "(...) este fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* mas indica um sempre além (de um modo ilimitado)"[14].

O conceito de **monologismo** pode ser compreendido tanto do ponto de vista da afirmação de uma linguagem única, de uma única maneira de falar, de uma verdade definitiva, quanto como a marca de uma diferença.

O problema da oposição monologismo e dialogismo está no centro de toda reflexão a propósito do gênero científico. Enquanto gênero, o texto científico é monológico por excelência. O discurso está orientado para o objeto. A palavra é utilizada apenas para representar. É uma representação de um discurso da verdade, destituído de toda especificidade histórica e individual, tendendo a eliminar as marcas do outro[15].

O modo de definir monologismo como uma afirmação única seria eqüivalente ao discurso dogmático ou ao discurso do cientificismo, onde há uma verdade única e absoluta sobre todas as disciplinas exatas e inexatas.

A monologização de um discurso tende a uma interação entre as pessoas, desprovida de vozes, de entoações, de réplicas, de palavras vivas. É um contato mecânico de oposições, um contato entre coisas. Enquanto reconhecer o monológico do discurso científico é reconhecê-lo em sua especificidade e em sua diferença, o que significa deixar espaço para outras modalidades discursivas.

---

[14] BAKHTIN, M. *Estética da criação...*, op. cit., p. 356.
[15] AMORIM, M., op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Num determinado momento, Bakhtin se refere ao monologismo como esquecimento da alteridade, mas, aqui, como etapa na vida criativa do autor. A palavra do outro, de início, teria sido acolhida e reconhecida pelo autor e, no final, ela seria totalmente assimilada e anônima, tamanho o grau de incorporação feito pelo autor. Ter-se-ia, então, um todo e novo(s) autor(es) constituiria(m) um novo diálogo e, assim, novos todos se formariam, possibilitando novos diálogos, sucessivamente.

A relação dialógica de uma palavra monológica será representada *a posteriori*, pelo leitor e não pelo autor. Amorim[16] concluiu que não existe palavra que seja totalmente monológica nem totalmente dialógica. Esta afirmação é feita a partir de Bakhtin, quando afirma que a palavra que só visa persuadir, que só se ocupa de seu interlocutor, perde sua possibilidade criativa. Portanto, pode haver num texto graus de representação da alteridade e até mesmo seu silenciamento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

3.3
Alteridade: o eu e o outro

O conceito de alteridade caracteriza-se a partir de uma dimensão de estranheza entre eu/outro, pesquisador/pesquisado, autor/personagem, onde um distanciamento entre um e outro necessariamente deve ocorrer, para permitir a visão deste outro na sua especificidade. Portanto, não se trata do simples reconhecimento de uma diferença.

O manejo das relações de alteridade e de sua inteligibilidade produz-se, diferentemente, segundo o lugar que se ocupa. Em todos os casos, uma ou mais relações de alteridade estão em jogo: numa diferença cultural, de classe, de gerações e/ou de lugar enunciativo.

Em se tratando de uma relação alteritária de pesquisa, mesmo no caso em que o pesquisador não se diferencia de seu objeto, de todo modo a diferença que permeia o ato de pesquisa estará lá. O outro se torna outro, se torna estranho, pelo simples fato de eu pretender estudá-lo; independentemente das intenções do pesquisador, há uma dimensão de desconhecido e de imprevisível, mesmo quando

[16]Ibid.

determinadas técnicas de pesquisa tendem a apagar qualquer manifestação de alteridade.

Na especificidade da relação alteritária de pesquisa, o pesquisador é aquele que recebe e acolhe o estranho. Para isto, num primeiro movimento, ele é recebido e acolhido pelo outro. Em suma, o pesquisador se dirige, em relação ao outro, para construir uma determinada escuta, traduzi-la e transmiti-la, pois "(...) o outro é ao mesmo tempo aquele que quero encontrar e aquele cuja impossibilidade de encontro integra o próprio princípio da pesquisa"[17].

É no âmbito dos signos que a possibilidade e a impossibilidade do encontro estão em jogo, e é também através deles que se podem verificar os efeitos de contato entre diferentes povos ou grupos.

Ao citar Lévesque, Amorim[18] afirma que, ao se considerar que o diálogo se funda na circularidade do intercâmbio, na mutualidade recíproca e na conciliação dos pontos de vista, se deve admitir que uma dissimetria de princípio entre o lugar do pesquisador e o do outro é um limite que atravessa as diferentes possibilidades de diálogo.

Se, por um lado, a dissemetria de base entre o pesquisador e o seu outro e a diferença de lugar enunciativo entre estes dois termos não indicam necessariamente uma relação de desigualdade, por outro lado, a possibilidade de ruptura ou de não reconhecimento se joga exatamente neste ponto, de possibilidade de pesquisa e de risco, de descoberta do outro ou de perda, de negação, de nada querer saber sobre o outro.

Como identificar no outro pontos em comum, como fazê-lo falar e compreendê-lo, como se fazer ouvir e ser compreendido pelo outro? A tensão existente entre as dissemelhanças produz as respostas às questões que se colocam da maneira mais diversa possível. A imprevisibilidade inserida nesta concepção metodológica permite que o outro explicite seu modo de representação, assim como indica o grau de alteração que a pesquisa e o olhar do pesquisador puderam sofrer.

Considerar a imprevisibilidade como fator importante numa análise sobre a presença da alteridade nos diálogos dos sujeitos não significa dizer que os métodos e os projetos sejam inúteis. É através deles que se pode defrontar com a

[17]Ibid., p. 28.
[18]Ibid.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

alteridade, pela descoberta dos pontos cegos. Na medida em que fracassam, vão, ao mesmo tempo, indicando o grau de alteração que a pesquisa e o olhar do outro puderam sofrer. Em suas palavras, Amorim afirma que,

> Do encontro e de seu fracasso, do diálogo e do equívoco se tece a produção de conhecimento em Ciências Humanas. Conhecimento que se constrói portanto no paradoxo e na vertigem, pois sua possibilidade é alternativamente negada e afirmada[19].

Admite que o estranhamento é tomado como a condição de princípio de todo procedimento num trabalho de pesquisa. É através dele que se cria a condição de possibilidade do objeto de pesquisa.

Estranhar e analisar onde se dá a impossibilidade de diálogo, onde há uma perda de sentido na comunicação entre os sujeitos, é a via de construção de um objeto, assim como a de um conhecimento. O fato de um objeto de pesquisa ser construído e não dado implica num trabalho de negociação com os graus de alteridade, que podem suportar a pesquisa e o pesquisador.

O familiar pode-se tornar imperceptível ao diferente, de modo que é preciso estranhar o objeto de pesquisa desde o início, para poder retraduzi-lo do seguinte modo, sucessivamente: do familiar ao estranho, e vice-versa. Concebe, enfim, o outro como estrangeiro, como aquele a quem realmente me é, em muitos aspectos, estranho, pela cultura, pela língua e pelas demais características.

3.4
Gêneros do discurso: apreendendo a diversidade no particular

Para definir gêneros do discurso, há que se retomar a definição de enunciado e de língua, pois, em última instância, gêneros do discurso seriam a elaboração de tipos de enunciados relativamente estáveis.

A atividade humana está toda relacionada com o uso da língua, e a utilização desta se manifesta em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Seja pelo seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, seja pelos recursos da língua – lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas, e

[19]Ibid., p. 32.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação humana.

As formas que a língua adquire no cotidiano das relações sociais são tão multiformes como as próprias atividades humanas. Mas, no entanto, existem formas sistemáticas de usos da linguagem no cotidiano da vida social, que são os chamados gêneros do discurso.

Para cada esfera das práticas sociais existe um repertório de gêneros discursivos, que se diferenciam e se transformam, na medida em que as práticas sociais se tornam mais complexas.

Para falar, faz-se sempre uso dos gêneros do discurso, embora se possa ignorar sua existência teórica. Eles são por nós assimilados mediante enunciados concretos que se ouvem e que se reproduzem durante a comunicação verbal que se efetua no cotidiano dos indivíduos.

A variedade dos gêneros do discurso, tanto orais quanto escritos, é muito grande. Na vida cotidiana, há uma gama de gêneros mais difundidos, que apresenta formas tão padronizadas (como no caso dos gêneros das felicitações, dos votos, dentre outros) que o sujeito quase só pode manifestar-se na escolha do gênero.

A diversidade dos gêneros varia conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há, por exemplo, o estilo oficial, o familiar e outros mais. As formas da língua e as típicas de enunciados (gêneros do discurso) são assimiladas pelo sujeito, conjuntamente. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados. Fala-se por enunciados e não por palavras ou orações isoladas. A fala é moldada pelas formas do gênero e, ao ouvir o outro falar, pode-se perceber-lhe o gênero, o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), ou seja, pressente-se, nas primeiras palavras, o todo discursivo que, no processo da fala, se evidenciará com suas diferenciações.

A entonação expressiva do gênero pode, por exemplo, marcar a escolha de um determinado gênero: mais frio, mais caloroso. Na comunicação verbal entre os sujeitos, pode-se dar também o uso de um gênero de uma determinada esfera da atividade humana para outra, utilizando, então, o jogo das inflexões, como, por exemplo, a ironia, a paródia, dentre outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

O valor do enunciado é dado pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com o sujeito falante e com outros enunciados. Os julgamentos de valor e de avaliação fazem com que o discurso verbal se envolva diretamente com a vida. E, neste sentido, afirma Jobim e Souza:

> O discurso verbal é diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. Quando deparamos com um enunciado do tipo 'Eu não acredito mais em você', percebemos que ele envolve uma série de critérios (éticos, políticos, afetivos) que levam em consideração muito mais do que está incluído nos fatores estritamente verbais do enunciado. São os julgamentos de valor e as avaliações que fazem com que o discurso verbal se envolva diretamente com a vida, formando com ela uma unidade indissolúvel[20].

A entoação de um enunciado revela o que ele cria de novo, no infindável processo de interação verbal. Cada enunciado se constitui num tema próprio, que se realiza por meio da entoação expressiva, através da qual se podem compreender as vibrações sociais e afetivas que envolvem o falante, assim como a singularidade da criação dialógica e a responsabilidade dos falantes no diálogo. Desta forma, a entoação se constitui parte essencial da estrutura de significação de um enunciado.

Não é apenas através do domínio da língua e da riqueza de vocabulário que os sujeitos podem sentir-se à vontade e criativos no país do outro, mas, sim, pelo conhecimento e pela assimilação do repertório dos gêneros discursivos daquele dado contexto.

Apreender as características comuns dos gêneros discursivos não significa superar as diferenças em busca de categorias uniformizantes, mas, sim, apreender, nos movimentos dos usos da linguagem cotidiana, a diversidade que constitui a língua viva e que reflete as transformações da vida social.

Os gêneros do discurso, em comparação com as formas da língua (os componentes e as estruturas gramaticais), são, para o indivíduo falante, mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém eles lhe são dados, não é o sujeito que os cria. É neste sentido que o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado uma combinação absolutamente livre das formas da língua.

[20] JOBIM E SOUZA, S. *Infância e...*, op. cit., p. 104.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A oração, assim como a palavra, é uma unidade significante da língua. Para ser entendida como geradora de uma atitude responsiva[21], de sentido, deve estar dentro de um contexto, ou seja, dentro do todo do enunciado. É elemento significante de um enunciado em seu todo e adquire sentido definitivo somente dentro deste todo.

Assim como a palavra, a oração não tem autor, somente quando funciona como enunciado completo é que se torna expressão individualizada na comunicação verbal.

Uma das características importantes do enunciado em Bakhtin é seu aspecto de confronto, que só se realiza na interlocução. Tanto a palavra como a oração podem ser enunciados, se tomadas como unidade do discurso, isto é, pela possibilidade de réplica, de contestação no diálogo. A fronteira do enunciado é dada tanto pelo autor quanto pelo ouvinte, portanto, este é também co-autor do enunciado. O **dialogismo** bakhtiniano vai considerar que todo enunciado, para ser compreendido, além de ter que ser relacionado ao seu contexto, não é uma prática individual, representa um entrecruzamento de diversas vozes. Portanto, cada enunciado contém diversas vozes de diferentes lugares e épocas diversas. Compreende-se, deste modo, que a **polifonia** se define pela pluralidade de vozes que falam ao mesmo enunciado e a **polissemia**, pelas tantas significações possíveis quantos forem os contextos em que foram produzidos. Bakhtin considera que a palavra não é exclusividade de quem fala, revela também a presença do ouvinte como a de todas as vozes que antecederam àquele momento do ato de ser falada pelo autor da palavra.

É neste sentido também que, num texto, seja verbal ou escrito, é possível avaliar a dinâmica dos signos culturais, em seu permanente processo de transformação e de interação. O texto (verbal ou escrito) traz em si a possibilidade de investigação no amplo campo das ciências humanas, onde

> As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma

[21] BAKHTIN, M. "Arte y responsabilidad". In: *Estética de la creción verbal*. Madrid: Veinteuno Ed., 1985.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

> forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais[22].

Para Bakhtin, ninguém pode ter exclusividade de uma criação verbal primeira. Quando se usam as palavras, elas já habitavam o mundo falado por falas de outras pessoas. É neste sentido que a linguagem, segundo o autor, é um processo contínuo que nunca se completa totalmente. Assim, a especificidade das relações dialógicas considera os aspectos metalingüísticos que constituem cada enunciado. Portanto, os enunciados não são redutíveis às relações lógicas da língua.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

[22]Ibid. *Marxismo e filosofia...*, op. cit., p. 41.